

10-9-59

A CRÔNICA de Rubem Braga

ARCO DE TRIUNFO

VAI ser muito lido esse romance "Arco de Triunfo", de Carlos Castelo Branco, e dar assunto para muita conversa e discussão. Castelinho é hoje um dos comentaristas políticos melhores do Brasil; e tem de singular uma certa imparcialidade (ele tem uma certa má-vontade equitativa para com todos os políticos...) que o acredita entre os homens de partidos mais divergentes. Todos conhecem seu respeito à ética profissional, sua argúcia e sua frieza. Não é um desumano, mas sua humanidade é um tanto ácida, e não digo que chegue a ter prazer em contar um gesto de humilhação ou uma agonia, mas é certo que o faz sem constrangimento. É, antes de tudo, um repórter, que se recusa a tomar partido, pelo menos em serviço.

Ora, um homem desses escreve um romance político, dando os nomes aos bois, mas não a todos. Quer dizer: ele faz referência a Getúlio e Mangabeira, por exemplo, mas cria um personagem que é ministro de Getúlio e que entretanto não cabe direito na pele de nenhum deles. Esse tipo de ficção enquadrada na realidade é perturbador, e muita gente perderá tempo em imaginar quem será aquele deputado ou aquele diretor de jornal, quando nenhum deles é precisamente ninguém, ou cada um é vários.

Creio que "Arco de Triunfo" é bem o que se chama um romance de costumes — um romance de nossos costumes políticos, sabidamente um tanto feios. Assim esse pobre diabo vitorioso que é José do Egito é uma flôr dos tempos, e desabrocha a seu gosto neste ar que respiramos, neste clima de mediocridade e oportunismo. Dêis que não é flôr que se cheire; direi que é das mais vulgares nos jardins de nossos palácios.

E resulta que o livro, por mais bem escrito, sagaz e sensível que seja, não chega a ser um bom livro; fica, não sei de que maneira, um tanto prêso a seu assunto e personagens, tão pobre aquele, tão pífios estes, que o livro sofre de uma certa falta de ar — o livro ou eu, no final da leitura?